

## **“MÁSCARAS COTIDIANAS”: OUTROS-EU - A PROPOSTA DE TIRAR AS MÁSCARAS NA EDUCAÇÃO**

**KRÜGER, Luana de Carvalho;<sup>1</sup> BUSSOLETTI, Denise Marcos;<sup>2</sup> PINHEIRO, Cristiano Guedes;<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Aluna do curso de licenciatura em Filosofia – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – UFPel  
luana-kruger@hotmail.com

<sup>2</sup>Prof. Dr. Denise Marcos Bussoletti – Faculdade de Educação – FAE – UFPel  
denisebussoletti@gmail.com

<sup>3</sup>Mestrando do programa de Pós-Graduação em Educação – FAE – UFPel  
cgptapes@gmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta da oficina de “vídeo-performance” intitulada “Máscaras Cotidianas” realizada através do Núcleo de Arte Linguagem e Subjetividade (NALS)<sup>1</sup> da Faculdade de Educação (FAE). Abordamos as “Máscaras Cotidianas” como uma maneira de enxergar, sentir e entender os diferentes modos de ser e suas relações com a práxis educativa. Tal abordagem ampara-se nos pressupostos de uma “educação sensível” onde a subjetividade e a realidade se fundem, e a possibilidade de definição não é o que mais importa, no entanto, o processo de reconhecer e assumir a matriz plural da identidade é o que tem valor ético e estético.

Tal discussão iniciou nos preparativos para a atuação no evento, realizado entre os dias 28 e 29 de março de 2012 e promovido pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto da Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul, onde o NALS, através do Programa Fronteiras da Diversidade: extensão, inclusão e formação crítica para a cidadania<sup>2</sup> realizou a sessão de abertura. Este foi o primeiro curso de formação de professores da rede municipal do ano letivo de 2012, oferecido a 400 professores da rede de ensino do município e sediado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Marina Vargas.

Na ocasião referida o NALS procurou levar para os professores presentes no evento uma proposta distinta da convencional, quando se trata de educação, e ainda que possibilitasse instigar o seu modo de atuação. Para tanto preparamos um vídeo em torno da discussão proposta que tinha como tema: “Educação e Diversidade: narrativas da diferença e histórias na complexidade”. Neste processo entre a preparação e a execução é que se sucedeu a organização da oficina, objeto desta proposta reflexiva.

---

<sup>1</sup> O NALS reúne alunos de diversos cursos da UFPel, dentre eles, Filosofia, Artes Visuais, Teatro, Direito, Música, Pedagogia, Letras entre outros. Iniciou como Iris em 2008. O grupo foi se modificando e enriquecendo a cada ano. Hoje conta com aproximadamente 40 membros.

<sup>2</sup> O Programa Fronteiras da Diversidade: extensão, inclusão e formação crítica para a cidadania, assim como o NALS, conta com estudantes de vários cursos da UFPel. O programa é direcionado a formação de agentes culturais, com o objetivo de construção de um fórum de extensão permanente na universidade.



Fig 1 – Oficina com Professores em São Lourenço  
 Acervo NALS

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A máscara pode ser considerada como um “*molde destinado a cobrir o rosto*”, diante daquilo que “acontece todos os dias”. As máscaras cotidianas são assim maneiras de experimentar um outro lado de existência ou ainda, através da linguagem poética de Fernando Pessoa, podemos definir como sendo aquilo que possibilita “dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma”<sup>3</sup>.

Considerando isto, a metodologia do trabalho consistiu em implementar um processo exploratório de pesquisa baseado no ciclo experimentação-discussão-teorização. Este processo foi efetuado em duas fases: a fase de preparação e a fase de intervenção propriamente dita. Na fase de preparação o grupo realizou uma oficina interna, onde participaram cerca de 20 membros integrantes do NALS objetivando a elaboração da atividade que seria realizada com os professores em São Lourenço. Em tal atividade num primeiro momento foram estipulados os conceitos e os procedimentos necessários na abordagem do tema “educação e diversidade”, posteriormente ocorreu a confecção das máscaras (gesso e papel) e como produto foi operacionalizado o vídeo com os resultados obtidos pela experimentação interna e primeira do grupo. Este vídeo foi levado e apresentado na atividade em conjunto com os professores em São Lourenço onde uma segunda experimentação foi realizada através da discussão, do debate e da provocação a teorização das práticas instigadas.

Procuramos, através desta metodologia, instigar os professores, considerando a tendência a transpor os conhecimentos, vivências e sentimentos, inerentes as máscaras cotidianas que o exercício da profissão engloba e possibilita.

<sup>3</sup> PESSOA, 2006, p. 59.



Fig 2 - Oficina de Máscaras de Gesso  
 Acervo NALS

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta das “máscaras cotidianas” possibilita que o jogo identitário daquilo que define o que faz ser professor possa ser experimentado e discutido no âmbito da educação e no contexto da diversidade. Por exemplo, o professor/professor possui uma máscara profissional, no entanto, o professor/pai/mãe possui uma máscara familiar, e ainda, o professor enquanto homem/mulher possui uma máscara de gênero, entre tantas outras máscaras aplicáveis a cada “eu” contido em “um”. No entanto, todas essas máscaras possuem “rachaduras”, pois elas contêm vida, vivências e vontades que fazem parte de cada um, independente daquilo que é e quando é.

Neste mesmo sentido o conceito de Persona de Carl Jung, nos possibilita compreender as máscaras desde suas origens passando pelos atores da antiga Grécia, onde estas serviam como um anteparo para não apresentar interferência pessoal do ator com a peça de teatro, processo que pode ser definido como “...uma atitude psicossocial que atua como intermediária entre o mundo interior e o mundo exterior, um tipo de máscara que desenvolvemos para exibir uma face relativamente consistente para o mundo exterior, através da qual aqueles com quem nos encontramos possam relacionar-se conosco de modo adequado”<sup>4</sup>.

Em outras palavras, um outro-eu que é consistente, que faz com que possamos, a partir do que mostramos, manter uma relação com os outros, bem como, uma postura adequada para cada atividade. Podemos afirmar, assim que nos mostramos “diferentes” por um certo (ou incerto) medo de mostrar quem se é, ou ainda, ele [o indivíduo] se vê forçado a vestir uma máscara moldada de acordo com padrões tradicionais.<sup>5</sup> Jung define Persona como um “complexo funcional a que se chegou por motivos de adaptação ou de necessária comodidade”.<sup>6</sup>

Mas podemos considerar que sentir-se confortável em diferenciar-se a cada atividade cotidiana é o mesmo que negar-se, não há sentido em *querer* ser outros-

<sup>4</sup> JACOBI apud SAIANI, 2000, p. 65.

<sup>5</sup> JACOBI apud SAIANI, 2000, p. 66.

<sup>6</sup> JUNG apud SAIANI, 2000, p. 67.

eu. Claro que mascarar-se é natural, possivelmente involuntário, quando estamos sujeitos a diferentes ambientes, no entanto, existe uma linha tênue entre o involuntário e o voluntário, neste sentido, negar o outros-eu é não se conhecer, mas afirmar o outros-eu é diferenciar-se de si mesmo. Poderíamos perguntar ainda: Se em todos os momentos é possível se diferenciar de si mesmo de uma forma, nunca será possível saber quem se é de fato. Desta mesma maneira, afirmar que sou sempre o mesmo é não admitir que passo por situações diárias que exigem minha máscara, desta forma minha postura em sala de aula seria a mesma que em casa, ou então, minhas reuniões escolares seriam as mesmas reuniões que realizo entre amigos. Por esse motivo, o uso das máscaras deve ser reconhecido, mas não deve ser definido. As máscaras cotidianas, ou outros-eu, contém fragmentos do eu, independente do que se é ou do que se está sendo.

Neste mesmo sentido, podemos abordar as máscaras de ferro, que são as máscaras cotidianas *sobrepostas*, ou seja, existem aqueles que não aceitam mudança, não aceitam desassossego, representam à resistência. Neste caso, a máscara de ferro é criada pelo hábito, no sentido de que, esta nem sempre esteve ali, se forma por acreditar que a ação deve ser da maneira que acontece, e que não há porque ir contra, deve-se aceitar e de tanto aceitar cria-se a máscara de ferro. Funcionaria, no mesmo sentido, como uma Persona rígida, ou seja, retira-se as emoções, não se permite sentir e/ou tocar.

A máscara rígida é que definimos como um problema quando abordamos a temática da educação, pois máscaras são naturalmente aceitas, no entanto, máscaras rígidas impedem os sentimentos, impedem uma educação sensível.

#### 4 CONCLUSÃO

Tratando-se de um panorama geral desta reflexão acreditamos que estamos no caminho certo das provocações pela temática suscitada embora existam atitudes de resistência e de dificuldades na apreensão da amplitude do questionamento concluimos mesmo que provisoriamente que a educação é uma eterna estruturação, ela exige mudança, pois tudo muda. O professor seja com máscara de ferro ou de gesso devem oportunizar-se mais questionamentos e não cair no “sossego educacional”. E é nesta perspectiva que envidamos a sequência de nossos esforços investigativos.

#### 5 REFERÊNCIAS

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAIANI, Cláudio. A persona e a sombra. In: SAIANI, Cláudio. **Jung e a Educação – uma análise da relação aluno/professor**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. Cap. 2, p. 65 – 71.